

# ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PARA BEBÊS NA EDUCAÇÃO INFANTIL



## FABIANE ELENISE DOS SANTOS PIEDADE

Graduação em Pedagogia pela Faculdade Uninove - Universidade Nove de Julho (2024); Professor de Educação Infantil do Estado de São Paulo.

## RESUMO

Este artigo tem o levantamento bibliográfico como metodologia acerca da organização dos espaços para bebês, saber quem é na oferta de materiais abertos e dos Cestos dos Tesouros aos bebês. Uma organização adequada, um entorno ótimo, um adulto que se ocupa verdadeiramente do bebê, materialidades nos quais possibilitem exploração, investigação, pesquisas e conhecimentos aos bebês são pontos fundamentais e que somente corporalmente o bebê poderá viver e se tornar tão significativo. Nesses momentos de ação no espaço os bebês têm contato com materiais, percebem as ações que podem fazer com o objeto, com seu corpo, ou seja, percebem a reação das suas ações e a si mesmos nesses momentos. O que contribui para o conhecimento de si e apropriação do entorno, das características dos objetos que, a cada encontro, vão sendo mais percebidas e ampliadas em seus momentos de fazer.

**PALAVRAS-CHAVE:** Espaço; Organização; Bebês; Primeiríssima Infância.

## INTRODUÇÃO

Aparentemente, os pequenos detalhes não deveriam ser ignorados, pois é apenas por meio deles que grandes projetos são possíveis. São Jerônimo

Muitos autores trazem em suas pesquisas a organização do espaço para os bebês, alguns deles dizem que o espaço é um ‘terceiro educador’ no cotidiano da vida escolar do bebê. Mas, como podemos fazer uma organização adequada para bebês tão pequenos como os bebês que frequentam os Centros de Educação Infantil? Essa foi uma das reflexões que deu a margem inicial para essa escrita deste artigo.

O antigo irá reunir informações de uma pesquisa bibliográfica com relação a como pode ser realizado com qualidade uma organização que oportunize boas vivências, pesquisas e experiências vivenciadas pelos bebês de 0 a 3 anos.

Segundo a autora Maria Horn (2017) a organização dos espaços se constitui como aqueles que estruturam o currículo, como um parceiro na ação pedagógica e no cotidiano dos bebês vivenciados no CEI. para autora torna-se urgente pensar na organização, na disposição dos materiais e em quais materiais podemos oferecer para os bebês.

Maria Horn (2017, p. 17) entende que o espaço não é só um cenário de educação infantil, para a autora, revela-se como um lugar de “concepções de infância, de criança, de educação, do ensino e da aprendizagem”. E a forma de organização, de apresentação do espaço e dos materiais traduzem o modo como pensamos e como concebemos a concepção de bebês.

Para a autora é imprescindível que se compreenda que é preciso construir um espaço que reflita a cultura, as vivências e as necessidades de todos que ali habitam no ambiente escolar, ou seja, adultos, bebês, crianças, comunidade escolar, adultos de apoio e as famílias. Além disso, a autora ainda complementa, colocando que o bebê “é a gente do seu próprio conhecimento, protagonista e ativo, alguém que aprende por meio da interação com o meio e com outros parceiros”. (HORN, p. 24)

Em um contexto pensado e organizado podemos promover uma construção de “autonomia moral e intelectual nos bebês”, (HORN, 2017, p. 25) estimulando a curiosidade e auxiliando a formar ideias próprias acerca das coisas e do mundo que o cercam. (HORN, 2017)

Neste sentido, é fundamental pensarmos e refletirmos sobre o “modo de organização dos espaços na educação infantil, entender de que espaços estamos falando e de como os bebês interagem nesse espaço”. (HORN, p. 18)

## **O ESPAÇO E A ESTÉTICA**

O espaço onde a criança vivencia suas experiências nos Centro de Educação Infantil é um lugar de ação que constrói um processo de “integração do pensar e do fazer” (BARBIERI, 2021, p. 13)

Segundo a autora Stela Barbieri (2021, p. 13) existe um ponto que é importante na hora de organizar e pensar nas propostas e vivências das crianças, que é a estética. Para a autora a estética “revela um cuidado e cultivo de uma presença ativa, onde todos os materiais expressam valores, onde procura-se intencionalmente enriquecer as múltiplas relações” que cada bebê cultiva no seu cotidiano.

Para esse lugar cria-se “deslocamentos para os corpos e pensamentos que se desdobram e uma rede de relações expressivas que podem se dar por múltiplas linguagens”. (BARBIERI, 2021, p. 13) Nossas ações como educadores estão “implícitas nas materialidades escolhemos e nos ambientes que criamos, no qual podemos dialogar com participantes das ações” que realizamos ou

que trazemos em nossa organização. Como “pensadores, artistas, poetas, educadores, cientistas e psicólogos”. Onde, como nos traz a autora, “ tecemos uma rede de conceitos que estruturam nosso trabalho”. (BARBIERI, 2021, p. 13)

A experiência estética é caracterizada por uma certa qualidade da sensação que está mais próxima do estranhamento e da problematização do que da melhor experiência do reconhecimento. Ela afeta, surpreende, mobiliza, espanta, faz pensar e provoca uma suspensão na nossa maneira habitual de perceber e viver. Ela coloca a cognição - habitualmente voltada para a vida prática, a reconhecimento e a solução de problemas - num estado especial, transpondo seus limites ordinários. (BARBIERI, 2021, p. 14)

Neste sentido, a experiência estética “acontece ao longo da vida e nos marca. são uma bagagem que carregamos, uma experiência corporificada que nos traz deslocamentos e/ou perplexidades”. (BARBIERI, 2021, p. 14) Elas nos impactam e nos afetam nas nossas ações e formas de pensar.

Corroborando com esse pensamento, Maria Horn (2017, p. 29) coloca um ponto de vista de Fortunati (2014) onde afirma que uma educação adequada para os bebês precisa-se ser levado em consideração alguns aspectos importantíssimos, como:

- O contexto físico como algo que sustenta e alimenta o processo de aprendizagem, em vez de ser simples cenário;
- o conhecimento gerado dentro de contextos espaço temporais específicos representam o ambiente no qual a criança e os educadores compartilhem a vida cotidiana, constrói relacionamentos e experiências e gerou novos saberes e novos conhecimentos, e
- o foco nas oportunidades, e não nos resultados, acompanhe os educadores na conquista da compreensão mais profunda de como as crianças aprendem, em vez de valorizar o que elas não aprendem. (HORN, 2017, p. 29)

Assim podemos alimentar os bebês de forma positiva para que vivam suas experiências, suas vontades e tenham o ímpeto de ir viver de fato tudo que for possível no espaço previamente organizado, pensado e planejado. Ver seus “encontros, indagações, perguntas que as materialidades provocam” Além disso, “a disponibilidade e presença do educador que são imprescindíveis para o engajamento das investigações dos bebês”. (BARBIERI, 2021, p. 18) e entender e propiciar a “vivência protagonista dos bebês, é fundamental compreender suas implicações na organização do contexto físico e contexto espaço temporal, sem desconsiderar o entrelaçamento que existe entre ambos” (HORN, 2017, p. 29)

## **QUEM É ESSE BEBÊ QUE NOS DEPARAMOS?**

É sabido que os bebês são sujeitos de direitos e ocupam em nossa sociedade um lugar muito importante. essa vida também que é “a essência de ser alguém que começa a viver”. (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p. 9)

Para entendermos quem é esse bebê é preciso, conforme as autoras Rosset, Rizzi e Webster (2017, p. 9) “acompanhar o desenvolvimento e a jornada de crescimento e aprendizagem da infância”.

Segundo as autoras (2017, p. 10) os bebês são “pesquisadores por natureza e a sua criatividade é provocada pela novidade e pelo desconhecido que se sentem atraídos pelo que se destoa

daquilo que estão acostumados”.

A experiência do bebê ganha mais possibilidades a partir do domínio de novas ferramentas de interação com o mundo. Melhora a habilidade como a linguagem, o foco da ação e ela começa a se interessar por montar e desmontar, testar, procurar, investigar, entrar e sair, acender e apagar, abrir e fechar... desse modo, quando expostas a novidade, as crianças são atraídas para descoberta do funcionamento das coisas. (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p. 10)

E assim surgem perguntas que são aliadas às pesquisas dos bebês, além de sensações corporais. Os bebês podem “aprender muitas coisas, como: exploração e pesquisa, descoberta, prazer, prática, domínio, novas habilidades, confiança, autoestima e segurança” tudo isso por meio da curiosidade. É o que as autoras chamam de “fluxo da curiosidade na criança”. (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p. 11)

A partir desse ponto de vista a autora Maria Horn (2017, p. 29) traz um pensamento de Fortunati (2009, p. 72) onde o autor fala sobre a consideração de situações de atividades livres como

um contexto privilegiado para observação das capacidades elaboradas e construtivas pos-sas em prática de um modo espontâneo pelos bebês tanto nas Vertentes das relações quanto na vertente do conhecimento do mundo físico, bem como sugerir com a modalidade de proposta ou intervenção por parte do adulto que não seja invasiva e ao mesmo tempo esteja direcionado e acompanhada apoiar os percursos evolutivos individuais e grupais.

Nesse sentido, segundo as autoras Rosset, Rizzi e Webster (2017, p. 12) Piaget definiu curiosidade como “a necessidade de explicar o inesperado e procurar preencher informações que faltam”. Para ele, “as crianças são pequenos cientistas”.

E acrescentam ainda uma fala de Gisela Wajskop (2016) que diz que curioso “por meio do temperamento curioso, a criança interessada se aproxima dos elementos da cultura para aprender sobre os conhecimentos acumulados pela humanidade” e ressaltam a ação do professor que “pela mediação do professor, as crianças vão desenvolver indo competências para fazer perguntas de maneira aprofundar seus saberes, comparando-os, registrando, comunicando, e desenvolvendo o pensamento crítico e científico”. (ROSSET; RIZZI; WEBSTER, 2017, p. 12)

As autoras Cisele Ortiz e Maria Tereza Carvalho complementam que “o bebê começa brincando com os próprios sentidos, num crescente jogo de descobertas, desenvolvimento de habilidades e construções de significados” (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p.103). Assim, “perceber o que se passa dentro e fora do corpo é uma tarefa de integração” (TRINDADE, 2007 apud ORTIZ; CARVALHO, 2012). O bebê primeiro “brinca com aquele que dele se ocupa com atenção para depois brincar com seus pés, suas mãos e sons que consegue emitir as diferentes partes do seu corpo, a saber, o que é dele, o que é do outro, num jogo de diferenciação eu/outro”. (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p.103)

E concluem que “ao brincar o bebê faz laço com o mundo ao seu redor, com aqueles com quem ele se relaciona e com universo cultural no qual está inserido.” (ORTIZ; CARVALHO, 2012, p.104)

## MATERIAIS ABERTOS: CESTOS DOS TESOUROS

O primeiro brinquedo do bebê é o corpo do adulto que se ocupa dele. Seja nos momentos de cuidado, de alimentação, banho, troca, para que o bebê permita-se viver, descobrir e pesquisar é necessário que um vínculo seguro e de confiança esteja bem construído.

Segundo as autoras Goldschmied e Jackson (2006, p. 113) o bebê precisa de oportunidades para brincar e aprender quando não está recebendo atenção de um adulto próximo.

A consciência de seu corpo cresce, à medida que o bebê enfia seu pequeno pulso em sua boca e, deitado de costas, identifica seus dedos dos pés e das mãos, vindo a conhecer essas extremidades por meio do ato de sugá-las também. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 113)

A coordenação dos olhos, mãos e boca, marcam um grande momento para que as aprendizagens manipulativas aconteçam onde todas essas habilidades o bebê precisa desenvolver além de ter a oportunidade para isso. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006)

Elinor e Sônia (2006, p. 114) acrescentam que o cérebro do bebê cresce mais rápido no período da primeira infância do que em qualquer outro momento de sua vida, e que se desenvolvem ao “responder a fluxos de informações advindas das cercanias, pelos sentidos do tato, olfato, paladar, audição e visão, além do movimento de seu corpo.

As autoras Patrícia Gimaël e Selma Aguiar (2013) contribuem com alguns pontos do desenvolvimento do brincar no primeiro ano de vida, sendo que:

No primeiro ano de vida a principal tarefa do desenvolvimento cerebral inicial é a formação e o reforço das ligações, as sinapses e as conexões entre os neurônios que se formam à medida que a criança cresce e experimenta mundo que a cerca. Estabelece relação com os pais, com os membros da família e com os outros cuidadores. [...]O cérebro de um feto produz praticamente duas vezes mais neurônios do que vai de fato precisar, o que funciona como uma margem de segurança, aumentando as chances dos recém-nascidos virem ao mundo com o cérebro saudáveis. [...] Essas redes de sinapses ao serem utilizadas e reforçadas na vida diária passam a fazer parte do currículo permanente do cérebro e caso não sejam utilizadas frequentemente ou com certa continuidade elas serão eliminadas, logo a experiência desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do circuito cerebral de uma criança. (GIMAEL; AGUIAR, 2013, p. 19)

Contribuindo com esse processo de descobertas e a sensorialidade, as autoras Elinor Goldschmied e Sonia Jackson nos apresentam o Cestos de Tesouros que é composto por materiais abertos, ou seja, materiais que possibilitam os bebês explorarem e esgotarem suas pesquisas fugindo dos brinquedos tradicionais e prontos, com características que não ampliam as descobertas dos bebês.

Os autores relatam que “nenhum dos objetos contidos no Cesto do Tesouro é um brinquedo comprado e muitos podem ser encontrados no ambiente do lar de crianças pequenas”, ou seja, “em armários de cozinha, nas panelas, caixas de sapato, chave de carro e etc”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 115)

A seleção desse material é feita a partir da observação “no entanto é preciso que a criança consiga sentar-se, mas ainda permanece presa a um lugar ou no início engatinhar”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 115 )

As autoras colocam que podemos observar um bebê em ação no cesto de tesouros e, diante dessa observação, podemos perceber “quantas coisas diferentes eles fazem, ou seja, olham, tocam, apanham-os e colocando na boca, lambendo, balançando, batendo com eles no chão, juntando, deixando-os cair, selecionando e descartando”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 115 )

As autoras Elinor Goldschmied e Sonia Jackson (2006, p. 115) ressaltam que a “maneira como todo o corpo é envolvido nesta atividade e como respondem de maneira vivida ao estímulo e excitação”.

Por intermédio das ações de “sugar, pôr na boca e manusear, os bebês estão descobrindo coisas a respeito de peso, tamanho, formato, textura, sons e cheiros e quando escolhe um objeto podemos imaginar que estejam dizendo: ‘o que é isso?’” (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 115 )

A atenção concentrada dos bebês “pode durar até uma hora ou mais, existem dois fatores que corroboram com a curiosidade da criança que é a variedade de objetos e praticar sua crescente habilidade de tomar posse”. Ou seja, “por sua própria vontade daquilo que é novo, atraente, próximo e o outro é a confiança que oferece, a presença atenta, mas não ativa do adulto”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 116)

As autoras ressaltam ainda o adulto que se ocupa desse bebê e a sua ação diante deste brincar no qual o bebê “precisa da segurança que a nossa presença interessada dá quando ele encara o desafio que, os objetos que ele pode estar manipulado pela primeira vez, apresenta”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 116 )

Se observamos um bebê explorar os itens do cesto de tesouros é fascinante ver o prazer e o interesse com que ele escolhe os objetos que o atraem, a precisão que ele mostra ao levá-los à boca ou passar de uma mão para outra e a qualidade de sua concentração ao tomar contato com o material para brincar. Notamos uma observação concentrada em sua habilidade para escolher e voltar a um item preferido que o atrai, às vezes compartilhado com prazer com adulto responsável, ele não tem dúvidas acerca da sua capacidade de selecionar e experimentar. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p. 116)

Sendo assim, os adultos que estão próximos e na vida desses bebês precisam ter um olhar e oportunizar um entorno ótimo no qual possam priorizar que os bebês tenham “posições confortáveis para trabalhar, ou seja, aqueles que ainda não ficam muito firmes ao sentar e podem cair e precisam de ajuda para levantar”. (GOLDSCHMIED; JACKSON, 2006, p.118 ) Por isso o ideal é que o cesto seja ofertado somente quando o bebê já conquistou a posição do se sentar ou já iniciou o engatinhar, mas ainda mantém-se com sua atenção nos objetos presentes no cesto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo tivemos contato com um ponto importante quando pensamos na organização dos espaços para bebês tão pequenos, vimos um pouco quem é este bebê que está diante de nós e os materiais que podem oportunizar um gama de conhecimento mais do que os brinquedos prontos.

É sabido que neste momento o brincar existe uma troca de olhares muito intensa entre os bebês e os objetos que detém sua atenção, muitas vezes entre os bebês em si e entre os bebês e seus adultos.

Existe também um compartilhamento de objetos muitas vezes e o quanto a observação é uma grande aliada para pensarmos na organização dos espaços, na escolha dos materiais e em conhecer de fato este bebê.

A autora Cisele Ortiz (2012, p. 123) vem nesse pensamento colocando que a “versatilidade dos materiais de largo alcance estimula a imaginação, são objetos versáteis, que podem se transformar a depender da proposta ou da escolha das crianças”. Onde a possibilidade dos materiais mobilizam uma infinidade de ações, contribuindo para a construção do significado, ou seja, os materiais “constituem-se como elementos flexíveis que estimulam o protagonismo das crianças e a partir deles, elas podem observar suas características e explorar intervenções no espaço”.

Completando este pensamento, as autoras Janet Gonzalez-Mena e Dianne Eyer (2014) mencionam que é preciso entender o mundo e conhecê-lo, tais pontos só são possíveis diante do envolvimento de um bebê ativo, com vontades e desejo de agir. E acrescentam que “o processo de captar informações, organizá-las e finalmente usá-las para se adaptar ao mundo é a essência da experiência cognitiva”(GONZALEZ-MENA; EYER, 2014, p. 158).

Assim, podemos dizer que “o senso de futuro das crianças também aumenta à medida que a capacidade de prever cresce com a ampliação de experiências com o mundo.” (GONZALEZ-MENA; EYER, 2014, p. 161)

## REFERÊNCIAS

BARBIERI, Stela. **Territórios e invenções: ateliê em movimento**. 1. ed. São Paulo: Jujuba, 2021.

ORTIZ, C.; CARVALHO, M. T. **Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação**. São Paulo: Ed. Blucher, 2012.

GIMAEAL, P.; AGUIAR, S. **Infância vivenciada**. 1.ed. São Paulo: Paulinias, 2013.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON. S. **Educação de 0 a 3 anos: o atendimento em creche**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

GONZALEZ-MENA, Janet; EYER, D.W. **O cuidado de bebês e crianças pequenas na creche: um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas**. 9. ed. Porto Alegre: AMGH Editora LTDA, 2014.

HORN, Maria da Graça Souza. **Brincar e interagir nos espaços da escola infantil**. Porto Alegre: Penso, 2017.

ROSSET, J. M.; RIZZI, M. A.; WEBSTER, M. H. **Educação Infantil: um mundo de janelas abertas**. 1. ed. Porto Alegre: Edelbra, 2017.